

## DESCOBRINDO UM MUNDO DE SONS PELAS SUAS PRÓPRIAS MÃOS

Midiam de Souza Fernandes

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

midiamsouza@bol.com.br

O mover-se de um ser humano vai tomando formas diferenciadas a cada etapa da sua vida, o impulso físico para tocar objetos por exemplo é claramente diferenciado entre as primeiras etapas da infância. Foi observado durante aulas de música na EI que o impulso para pegar e a própria concretização do pegar (manusear os “elementos sonoros”) vai se desenvolvendo a partir de uma vivência constante em um processo de musicalização que valorize estes aspectos, levando em consideração esta observação, foi desenvolvida uma proposta de musicalização que tem como objetivo, desenvolver a ação de conhecer a diversidade sonora presente nas aulas de música a partir da manipulação de “elementos sonoros” pela própria criança, esta proposta utiliza materiais (elementos sonoros) que possam ajudar a criança na organização e construção do seu próprio conhecimento e repertório “sonoro”, para isto é organizado um ambiente musical preparado para auxiliar o desenvolvimento da “autonomia da criança”. A adaptação dos “elementos sonoros” (peso, espessura, material) para cada etapa da infância é neste sentido, um facilitador para a ação autônoma da criança. Alguns dos elementos sonoros que são utilizados nesta proposta de musicalização desenvolvem tanto a apreensão global quanto o movimento de pinça nas crianças. Por tanto este relato de experiência tem como objetivo discutir a prática da educação musical inserida na educação infantil através de uma musicalização que trabalha com a estimulação dos sentidos a partir do manuseio de “elementos sonoros”, fazendo com que a criança esteja livre para descobrir as sonoridades que compõem a aula de música. Neste sentido os “elementos sonoros” contribuem para o desenvolvimento da curiosidade na criança em relação ao mundo dos sons, ou seja, o manuseio dos “elementos sonoros” pela criança é o que impulsiona de forma positiva a descoberta e vivência dos sons presente em suas aulas de música na EI. Nesta proposta de musicalização o (a) educador (a) valoriza o aprender da criança por ela mesma, na construção do seu próprio saber musical. Um dos aspectos principais desta abordagem é deixar a criança perceber-se em uma “brincadeira de tocar”, desta forma destaca-se que a autonomia da criança frente a sua produção e escuta musical é desenvolvida de forma significativa, a criança é valorizada em sua individualidade enriquecendo a troca de experiências durante as suas aulas de música. Esta proposta de musicalizar a partir do manuseio de “elementos sonoros” na EI, tem em consideração a “mente absorvente” das crianças, por entender que é preciso estar adequada nesta sintonia. É válido compreender que a criança é sensível a ambientação e quando ela está inserida em um ambiente potencializador de suas capacidades, a criança interage de forma positiva e responde a este estímulo imediatamente. Com esta abordagem os sons ganham uma significação diferenciada, pois agora, além de ouvir e escutar os sons produzidos pela “educadora musical” durante as aulas de música, as crianças podem também os produzir livremente.

**Palavras-chave:** Musicalização, Educação Musical, Educação Infantil.

## INTRODUÇÃO

Este relato de experiência advém da proposta de trabalho que é desenvolvida no cotidiano da autora deste artigo, no ofício de “professora de música” (educadora musical) na Educação Infantil (EI). Ao tocar e demonstrar o som de alguns instrumentos musicais durante as aulas de música na EI esta educadora percebeu que as crianças sempre queriam tocar (manusear) os instrumentos que eram utilizados por ela, durante as aulas. Este comportamento das crianças em relação aos instrumentos musicais, despertou na educadora o desejo de utilizar pequenos instrumentos adaptados para os tamanhos das mãos das crianças, durante as aulas, logo foi desenvolvida uma proposta de musicalizar, tendo na “construção sonora” da própria criança a condução e a condição da sua musicalização.

Dentro desta proposta de musicalização que tem como objetivo desenvolver a ação de conhecer a diversidade sonora presente nas aulas de música a partir da manipulação de “elementos sonoros”, utilizar-se de materiais (elementos sonoros) que possam ajudar a criança na organização do seu próprio conhecimento “sonoro”, ou seja, as informações e formações sonoras que esta criança vai construindo sobre o universo sonoro ao qual ela (a criança) vivencia durante as aulas de música, sendo importante para o (a) educador (a) musical saber que “o objetivo específico da educação musical é musicalizar, ou seja, tornar um indivíduo sensível e receptivo ao fenômeno sonoro, promovendo nele, ao mesmo tempo, respostas de índole musical” (GAINZA, 1988, p.101).

Nesta proposta de musicalização, conhecer e manusear os “elementos sonoros”, bem como a questão da própria organização, distribuição e recolhimento dos mesmo, durante a vivência sonora experienciada, tem igual importância no processo de construção do saber das crianças, pois, acredita-se que o estímulo ao zelo e ao cuidado com estes elementos sonoros utilizados em aula, além de mantê-los conservados de forma que estes venham a ter uma vida útil expandida, também estimula nas crianças a consciência do cuidado e do zelo com os elementos que estão presentes em seu cotidiano, atentando-se assim para o RCNEI (BRASIL, vol. 1, 1998, p. 59) quando coloca que “a organização dos espaços e dos materiais se constitui em um instrumento fundamental para a prática educativa com crianças pequenas.”

Ao manusear os “elementos sonoros” as crianças externam suas vontades em conhecer novos sons, como também descobrem respostas para as suas curiosidades em relação aos sons produzidos por estes elementos sonoros (brinquedos sonoros, instrumentos musicais e/ou qualquer outro elemento que produza som e que esteja sendo exposto durante a aula de música), considerando esta colocação, a proposta de musicalizar tendo como intermediador o manuseio do “elemento sonoro” pelas crianças, faz com que o (a) educador (a) musical da EI colabore com o desenvolvimento desta crianças em suas descobertas e construções de saberes relacionados com o “mundo da música”, estimulando a “escuta ativa” da criança a partir do manuseio de elementos que produzem sons, ou seja, brinquedos que emitem sons e/ou mesmo pequenos “instrumentos musicais” adequados e/ou adaptados para as estruturas das mãos das crianças, levando em consideração o peso bem como o material que constituem estes “elementos sonoros”, sempre atentando para a segurança das crianças.

O olhar genuíno do (a) educador (a) ao acompanhar a ação do manuseio dos elementos sonoros pela criança durante as aulas de música é um importante auxiliador na ação didático/pedagógica deste (a) educador (a) musical, pois, deixando a criança livre para que ela mesma possa explorar as suas possibilidades, o (a) educador (a) musical desperta nesta criança a vontade de conseguir fazer “algo novo”, assim, com essa observação focada no “fazer” da criança, o (a) educador (a) musical está contribuindo para a “liberdade da criança” ou seja para a sua ação espontânea, devendo este (a) educador (a) “estar atento para o desenvolvimento de aulas que possam também estimular a imaginação das crianças, bem como a brincadeira e os sentidos lúdicos que devem ser constantes em toda a vivencia musical proposta em aula”. (FERNANDES, 2015, p.04)

Nesta proposta de musicalização o (a) educador (a) valoriza o aprender da criança por ela mesma na construção do seu próprio saber musical, como referência para esta postura do (a) educador (a) é interessante refletir sobre as palavras de Montessori (1965, p.97) quando afirmar que “a atividade da criança há de ser impulsionada pelo seu próprio eu, e não pela vontade da mestra”. Neste contexto o (a) educador (a) já pode começar a sua avaliação “formativa”, ou seja, uma ação docente que direciona a criança para uma continuidade gradativa das aulas de música, de acordo com os objetivos propostos por esse (a) educador (a) em seu plano de aula.

## **CAMINHOS PROPOSTOS: AS FASES DO MANUSEAR, SUPERAÇÕES E DESAFIOS**

Este relato de experiência começou a ser desenvolvido a partir das observações feitas nas aulas de música ministradas pela autora deste artigo (observações feitas a partir do ano de 2014) na EI em Natal (capital do estado do Rio Grande do Norte/BR), tendo como principal foco, perceber como as crianças vivenciam a produção das suas próprias expressões sonoras.

Com as observações feitas durante as aulas de música, ocorreram as primeiras “reflexões” sobre o trabalho até então desenvolvido, tendo estas observações o intuito de colaborarem com o desenvolvimento de uma educação musical na EI que realmente fosse significativa para as crianças, entendendo-se que:

A prática reflexiva pode ser entendida, no sentido mais comum da palavra, como a reflexão acerca da situação, dos objetivos, dos meios, do lugar, das operações envolvidas, dos resultados provisórios, da evolução previsível do sistema de ação (PERRENOUD, 2002, p.30)

Refletiu-se a partir de uma “observação atenta” que basicamente tudo o que a criança vivência é descoberta e construção, observou-se que as crianças na fase que compreende a EI estão desenvolvendo habilidades gerais e específicas. Considerando então este contexto é válido afirmar que o (a) educador (a) musical que desenvolve um trabalho voltado para a EI, pode desenvolver uma prática profissional que impulse de maneira positiva o desenvolvimento destas habilidades nas crianças, considerando desta forma a “mente absorvente” das crianças, desenvolvendo propostas pedagógicas que estejam adequadas nesta sintonia, pois:

A criança vai, assim a pouco e pouco, formando sua própria ‘massa encefálica’, servindo-se de tudo que a rodeia. Esta forma de espírito é comumente denominada ‘espírito absorvente’. É difícil de se imaginar o poder de absorção do espírito da criança. (MONTESSORI, 1965, p.58)

Neste sentido, acreditando que o (a) educador (a) musical pode colaborar com o desenvolvimento de “certas habilidades” motoras (tratando-se aqui neste relato do desenvolvimento da coordenação motora fina) durante as aulas de música vivenciadas na EI,

deu-se então, o processo inicial do desenvolvimento de um trabalho de musicalização que tem entre seus pontos chave a familiarização com o segurar e/ou empunhar dos materiais utilizados no processo de musicalização, aos quais denominou-se genericamente por “elementos sonoros”.

IMAGEM 1: alguns dos “Elementos Sonoros” utilizados em aula.



FONTE: arquivo pessoal da autora, 2016.

Alguns dos elementos sonoros que são utilizados nesta proposta de musicalização desenvolvem tanto a apreensão global quanto o movimento de pinça nas crianças. Neste sentido, para o desenvolvimento desta proposta de musicalização, que, tem como base o manuseio de elementos sonoros pelas crianças é tido como referência as palavras de Montessori (s/d, pg.130):

As mãos estão ligadas à vida psíquica. De fato, aqueles que estudam a mão demonstram que a história do homem está impressa nela e que a mão é um órgão psíquico. O estudo do desenvolvimento psíquico da criança está intimamente ligado com o estudo do desenvolvimento do movimento da mão. É-nos claramente demonstrado que o desenvolvimento da criança está ligado à mão, a qual disso revela o estímulo psíquico. Podemos exprimir-nos dessa maneira: a inteligência da criança atinge um certo nível, sem fazer uso da mão; com atividade manual alcança um nível mais alto [...]

Seguindo esta linha de pensamento, nota-se que é importante incentivar uma formação operacional positiva em que exista o objetivo de gerar etapas de



desenvolvimento na criança que possam ser interligadas através de um trabalho contínuo, um trabalho docente que busque contribuir para que as crianças possam melhor desenvolver as qualidades de suas habilidades manuais, bem como, sua sensibilidade para escuta, desenvolvendo esta ação de forma integral e concreta, considerando que:

Os conteúdos de formação operacional interferem diretamente na constituição de novas habilidades na criança, mobilizando as funções inatas, os processos psicológicos elementares, tendo em vista a complexificação de sua estrutura e modos de funcionamento, a serem expressos sob a forma de funções culturais, de processos psicológicos superiores. Ao atuarem nesta direção, instrumentalizam a criança para dominar e conhecer os objetos e fenômenos do mundo à sua volta, isto é, exercer uma influência indireta na construção de conceitos. (MARTINS, 2009, p.96)

Um dos aspectos principais nesta abordagem é deixar a criança perceber-se em uma ‘brincadeira de tocar’, pois, assim acredita-se que a criança pode promover a construção de suas descobertas no mundo dos sons e da música de forma mais significativa. É percebido com essa vivência musical a aquisição e maturação de certas competências pelas crianças (aqui a autonomia é um destaque), portanto, nesta perspectiva percebe-se nas crianças o desenvolvimento de novas habilidades, bem como do autoconhecimento durante o decorrer do ano letivo, tendo em vistas o acompanhamento deste desse desenvolvimento durante as aulas de música e tendo como base deste acompanhamento a avaliação formativa. Neste contexto, a avaliação formativa é encarada como sendo adequada aos objetivos desta proposta pedagógica, pois:

Uma avaliação formativa do conteúdo “música” na EI tem entre outras a utilidade de em redirecionando o trabalho docente, fazer com que cada aluno avance no seu próprio ritmo sendo então uma forma de manter foco no processo pedagógico musical. Quando se ensina música na escola é preciso ser ético e ter uma atitude que respeite e valorize o que o aluno sabe bem como a partir do que o aluno sabe desenvolver um plano de trabalho que possa aproximar novas construções do conhecimento musical nos alunos juntando-as aquelas já existentes. (FERNANDES, 2016, p. 06)

Assim no processo da vivência musical proposto, destaca-se que a autonomia da criança frente a sua produção e escuta musical é desenvolvida de forma significativa, entende-se que, para que esse objetivo seja alcançado é necessário que o (a) profissional da Educação Musical (EM) promova a mediação adequada para que aconteça esta construção do ser “autônomo”, a partir da aula de música, desta forma, contribuindo

também para a independência da criança nos processos de produção e apreciação musical, acordando-se com o que indica o RCNEI quando coloca que:

A progressiva independência na realização das mais diversas ações, embora não garanta a autonomia, é condição necessária para o seu desenvolvimento. Esse processo valoriza o papel do professor como aquele que organiza, sistematiza e conduz situações de aprendizagem. (BRASIL, vol. 2,1998, p. 39)

Levando-se também em consideração que:

Para favorecer o desenvolvimento da autonomia é necessário que o professor compreenda os modos próprios de as crianças se relacionarem, agirem, sentirem, pensarem e construam conhecimentos. (BRASIL, vol. 2,1998, p. 40)

Por tanto a proposta de “musicalizar” através do contato direto da criança com o “elemento sonoro”, tem como um de seus objetivos a contribuição para o desenvolvimento da autonomia na criança, pois, esta proposta proporciona que a criança tenha a liberdade para experimentar formas de produzir o seu “universo sonoro” durante a aula de música.

## **A CRIANÇA E A SUA CRIAÇÃO SONORA**

Nesta proposta, a educadora musical não estabelece padrões musicais técnicos e/ou estruturais, pois, a criança é estimulada a se expressar, criar e desenvolver a sua sonoridade, ou seja, a sonoridade descoberta durante suas vivências durante aula de música. Desta forma a criança é valorizada em sua individualidade enriquecendo a troca de experiências entre seus colegas durante as aulas de música, pois, é compreendido que:

Considerar que as crianças são diferentes entre si, implica propiciar uma educação baseada em condições de aprendizagem que respeitem suas necessidades e ritmos individuais, visando a ampliar e a enriquecer as capacidades de cada criança, considerando-as como pessoas singulares e com características próprias. Individualizar a educação infantil, ao contrário do que se poderia supor, não é marcar e estigmatizar as crianças pelo que diferem, mas levar em conta suas singularidades, respeitando-as e valorizando-as como fator de enriquecimento pessoal e cultural. (BRASIL,

Então, ao considerar o desenvolvimento desta vivência musical com as crianças que ainda não conseguem segurar objetos, nota-se o impulso do olhar que com o decorrer das aulas de música vai se tornando cada vez mais constante, direcionado e focado na atenção ao “elemento sonoro”. Em relação a esta aptidão visual na criança é válido colocar que:

As aptidões visuais do bebê levam-no a centrar a sua atenção num objeto, a fixá-lo, a seguir as suas deslocações, a registrar as suas características, a avaliar as distâncias, a observar o rosto das pessoas, a decifrar a mensagem afectiva que transmite e a comunicar as suas necessidades e desejos. (FERLAND, 2006, p.54)

Com o decorrer do processo de sentar-se sem o apoio externo ao seu próprio corpo (apoios de acentos, do colo e/ou tipos de encostos de almofadas e/ou similares), a criança vai desenvolvendo um certo grau de precisão em segurar o “elemento sonoro”, neste sentido, o sistema táctil é objetivamente estimulado durante as aulas de música. Sobre o sistema táctil referencia-se as palavras de Ferland (2006, p. 50) quando afirma que “o sistema táctil permite que a criança pequena entre em contacto com os outros e com objetos, que desenvolva um sentimento de segurança, que tome consciência do seu corpo e que registre as características dos objetos”.

IMAGEM 2: crianças explorando a sonoridade de suas panelas



FONTE: arquivo pessoal da autora, 2017.



Em suas observações a educadora musical percebeu que as crianças querem imitar os movimentos feitos por ela durante o momento da vivência da aula de música, embora, nos primeiros 12 meses de vida, esta ação ainda não é propriamente uma imitação, mas sim, um impulso, um querer imitar, pois a ação do imitar ainda não acontece com precisão, vistos os limites do próprio desenvolvimento motor destas crianças.

Destaca-se que durante a vivência desta proposta de aula de música na EI, não existe um desenvolvimento linear, ou seja, em que todas as crianças estejam igualmente adaptando-se ao manuseio dos “elementos sonoros”, pois, algumas crianças têm mais “facilidade” que outras para manusear esses elementos sonoros, partindo então desta observação, acredita-se que o (a) educador (a) musical possa desenvolver um trabalho que incentive uma integração contínua neste processo de descoberta do manusear, podendo este (a) educador (a) musical ajudar a criança no desenvolvimento deste processo, estimulando o tato da criança através de “elementos sonoros” que favoreçam a sua curiosidade, sabendo-se que:

O sistema tátil permite que a criança pequena entre em contacto com os outros e com objetos, que desenvolva um sentimento de segurança, que tome consciência do seu corpo e que registre as características dos objetos. (FERLAND, 2006, p. 50)

Nesta “tomada de consciência” através do “tato” é válido compreender que a criança é sensível a ambientação e quando ela está inserida em um ambiente potencializador de suas capacidades, ela interage de forma positiva e responde a este estímulo imediatamente. Neste sentido acredita-se que uma aula de música em que a criança possa estar manuseando os “elementos sonoros” que são elencados pelo (a) educador (a) musical, para a contextualização da aula é visivelmente construtiva e bem vivenciada pela criança, colaborando para que se desenvolva potenciais de “criação” nesta criança, com isto, também fazendo com que a criança se perceba notada e valorizada por suas ações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É desejo deste relato de experiência, deixar inspirações aos (as) colegas da Educação Musical que desenvolvem algum trabalho junto a Infância e em especial para aqueles (as) que são Educadores Musicais na EI, pois, este trabalho expressa uma forma “viva” de apresentar o mundo de sons para a criança, trata-se aqui do conhecer sonoro a partir do construir sonoro, uma abordagem que acima de tudo valoriza a essência criativa da criança.

Acredita-se que nesta abordagem os sons ganham uma significação diferenciada, pois agora, além de ouvir e escutar os sons durante as aulas de música, as crianças podem produzi-los. Com esta experiência pode-se constatar que a sensação da descoberta do mundo sonoro que passa pela intermediação do manusear das crianças é algo insubstituível, o que se direciona para uma descoberta sonora mais significativa.

A organização do espaço físico dentro desta abordagem tem uma importância indispensável para a sua assertividade, geralmente opta-se por um círculo e/ou semicírculo, aonde as crianças possam ter uma visão geral do que acontece durante as aulas, o que também proporciona que exista uma visualização geral dos manuseios por toda a turma. Nesta proposta o ambiente musical preparado, ou seja, a adaptação dos “elementos sonoros” para cada etapa da infância é um agente facilitador para a ação autônoma da criança. Perceber os avanços da criança é importante, com isto a avaliação formativa é indicada para esta proposta, pois, garante assertividade na continuidade do trabalho docente.

Para finalizar este diálogo sobre Educação Musical cita-se mestra GAINZA (2010, p.12) que apontou a atual perda dos valores humanos e declarou que “esta situação precisa começar a mudar. Ela está instalada há muito tempo e por isso é considerada normal. Porém, é recuperando o senso crítico e a autonomia de pensamento que poderemos escolher qual modelo de educação julgamos mais adequado”. Assim, de forma intencional este artigo se propõe a contribuir na intenção de resgatar valores humanos, valores que algumas “metodologias fechadas” utilizadas em alguns processos de “educação” tradicionais, negligenciam.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**: introdução. Brasília: MEC/SEF, 1998a. v. 1. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf)>. Acesso em: 22 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**: conhecimento de mundo. Brasília: MEC/SEF, 1998b. v. 2. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

FERLAND, Francine. **O desenvolvimento da criança no dia-a-dia**. Do berço até à escola primária. Lisboa/Portugal: Climepsi, 2006.

FERNANDES, Midiam de Souza. Educação musical em um berçário: uma aprendizagem docente em desenvolvimento constante. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2., 2015, Campina Grande, PB. **Anais...** Campina Grande, PB: UEPB, 2015. Não paginado. Disp.em: <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EV045\\_MD1\\_SA17\\_ID5348\\_06092015211946.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA17_ID5348_06092015211946.pdf)>. Acesso em: 10 set. 2017.

\_\_\_\_\_. Uma avaliação viva para uma música igualmente viva. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2016, Natal, RN. **Anais...** Campina Grande, PB: Realize Editora, 2016. Disponível em: <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EV056\\_MD1\\_SA17\\_ID10775\\_16082016014822.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA17_ID10775_16082016014822.pdf)>. Acesso em: 10 set. 2017.

GAINZA, Violeta Hemsy. **Estudos de psicopedagogia musical**. Trad. Beatriz A. Cannabrava. São Paulo: Summus. 1988.

MARTINS, Lígia Márcia. O Ensino e o Desenvolvimento da Criança de Zero a Três Anos. In: ARCE, Alessandra; MARTINS, Lígia Márcia (Orgs). **Ensinando aos pequenos de zero a três anos**. Campinas – SP: Editora Alínea, 2009, p. 93 a 121.

MONTESSORI, M. **Mente Absorvente**. Rio de Janeiro: Portugália, s/d. 245p.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia Científica: a descoberta da criança**. São Paulo, Flamboyant, 1965.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

\_\_\_\_\_. **Educação musical e contemporaneidade**. Espaço Intermediário. São Paulo, v.1, n. 2, 2010. Disponível em: <http://www.violetadegainza.com.ar/>. Acesso em: 05 de junho de 2017